

MEMÓRIA

FORMAÇÃO DE UM HISTORIADOR

Antônio Nunes Malveira

1

Nasceu João Capistrano de Abreu, no Ceará, em Culuminjuba, aos 23 de outubro de 1853, freguesia de Maranguape, local onde seu pai, Jerônimo Honório de Abreu, possuía uma pequena propriedade rural.

A família era dotada de um grande espírito religioso, tanto que havia na casa da fazenda um quarto, destinado, exclusivamente, às autoridades religiosas que sempre passavam por lá, em pregação evangélica.

Na época as escolas eram muito difíceis, mas nem por isso, a educação do menino deixou de ser preocupação para seus pais. À distância de três quilômetros, no lugarejo denominado Ladeira Grande, residia o Mestre-Escola Luís Mendes a quem Capistrano foi confiado para o aprendizado das primeiras letras. A caminhada era feita diariamente em lombo de burro, de cavalo e de jumento, e muitas vezes a pé, como todos os meninos de sua época, quando desejavam aprender alguma coisa. Tudo era difícil, não havia livros e a própria cartilha era feita pelo professor à mão, num gesto que nos faz recordar o sacrifício de Anchieta no século XVI. As caminhadas, para a modesta escola do professor Luís Mendes, não tiveram, porém, longa duração, cedo, Capistrano foi mandado pelos pais para Fortaleza, onde havia mais recursos didáticos.

Isso mostra que eles tinham vontade de educar a criança e tirá-la daquele ambiente insípido. No entanto, não era fácil manter um filho na capital, porque havia uma série de obstáculos para uma família sertaneja, tais como: moradia, companhia e costumes diferentes. Os pais do interior do Nordeste se preocupavam, não somente, pela educação dos filhos, mas, sobretudo, pela preservação dos costumes morais, hauridos no sagrado convívio do lar.

Mas, nesse momento de incerteza, foi decisiva a interferência do Padre Antônio Nogueira Braveza, amigo da família, no sentido de que o menino fosse matriculado no Colégio de Educandos, colégio de pobres e órfãos por ele dirigido; era mais um estabelecimento de artes e ofícios. Embora Capistrano não fosse um aluno talhado para aquele tipo de estabelecimento, ali permaneceu, talvez três anos.

Depois se transferiu para o Ateneu Cearense, fundado e dirigido por João de Araújo Costa Mendes, que fora na Bahia colaborador do famoso educador, Abílio César Borges, Barão de Macaúbas. Foram seus companheiros: Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo. Autor da História da Seca do Ceará, Raimundo Antônio da Rocha Lima, autor de Crítica e Literatura, Paula Ney, Guilherme Studart que se dedicou a pesquisas históricas, mantendo mais tarde longa correspondência com Capistrano sobre o assunto, Tomás Pompeu que também se dedicou a estudos de geografia e história, tendo grande atuação no Congresso Nacional como representante de seu Estado. Como se vê, todos esses homens

projetaram-se mais tarde na vida cultural do país. Ali, no Ateneu Cearense, estudava-se Gramática, Latim, Francês, Inglês, Geografia, História, Geometria, Filosofia, Retórica etc.

Em 1865, por influência ainda do Padre Braveza (que o havia batizado), Capistrano ingressa no Seminário, onde foi colega do padre Cícero de quem sempre se lembraria. Numa de suas cartas à senhora Assis Brasil, em 1922, datada de abril, referia-se a uma viagem planejada ao Ceará e dizia: “Não sei como o Padre Cícero soube de minha visita e ficou muito satisfeito. Éramos bons amigos, por volta de 65, depois disto não nos vimos mais. Nunca mais lhe esqueci o nome, que muito depois reboou”. Parece que o Capistrano não se adaptou ao regime do Seminário, tudo indica que seu comportamento não foi dos melhores, tanto que sua permanência naquele estabelecimento religioso foi curta, pois, em 1866, fora convidado a deixá-lo. Capistrano, com seu espírito arredio, não poderia ajustar-se àquele sistema de ensino do Seminário, rígido, disciplinado e sistematizado, ele que sempre gostou de fazer suas leituras livres. No seminário nunca se preocupou com notas, foi sempre mau estudante, mas um devorador de livros, principalmente, obras ligadas à geografia, história e literatura.

Nas horas de folga destinadas a passeio, enquanto seus colegas divertiam-se e brincavam uns com os outros, Capistrano lia, e muito, os livros de sua preferência, com os olhos míopes colados às folhas. Preparava-se para sua verdadeira vocação de intelectual; amava os livros, mas a seu modo.

Em 1869, seguiu para Recife, a fim de se preparar para a Faculdade de Direito. Chegando à capital pernambucana, continuou a mesma vida de estudante, indiferente aos currículos, e ao invés de freqüentar as aulas, passava o dia nas bibliotecas, lendo e pesquisando; a estas alturas “já começou a desenvolver um espírito crítico”. Não ingressou no curso jurídico, como estava previsto, voltando para o Ceará, em 1871, com a idade de 18 anos.

Chegando a Culuminjuba, o pai desgostoso com sua atitude, deu-lhe uma boa enxada e uma foice, material suficiente para enfrentar o trabalho árduo da fazenda, já que não queria ser doutor. Quando saía para o campo, sempre conduzia um livro à mão e a primeira árvore frondosa que encontrava, deitava-se à sua sombra e ficava lendo, completamente abstraído de suas tarefas. Aproveitou o tempo em que esteve na fazenda, aprofundando seus conhecimentos de inglês, dominando-o, a ponto de praticá-lo na leitura de Dickens e Shakespeare, fato narrado por ele, em uma de suas cartas.

Nesta época surgiu em Fortaleza a chamada Academia Francesa, por volta de 1873, “aquilo que Amoroso Lima chamou de “a primeira geração de intelectualidade afirmativa, surgida em 1871-1872, quando a questão religiosa abalou profundamente o país, e o livre pensamento começou a rever todos os problemas filosóficos e religiosos”. Participou um grupo de jovens estudiosos, desse movimento, todos imbuídos das idéias da Escola do Recife, pois quase todos eram formados pela Faculdade de Direito de Pernambuco. Esta-

vam todos na flor da idade, o mais velho, Xilderico de Faria ainda não completara 22 anos; nas reuniões liam e discutiam assuntos filosóficos, históricos, literários, etc. numa dessas reuniões, Rocha Lima, o mais jovem e dos mais brilhantes, propôs o nome: Academia Francesa. Tinha apenas 18 anos. Compunham-na Tomás Pompeu, Rocha Lima, Xilderico de Faria, Araripe Junior, Capistrano de Abreu e outros.

O ponto alto desse movimento foi a Escola-Popular, destinada a operários; vejamos as palavras de Capistrano: “Grande foi a influência da Escola Popular não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade cearense, em geral, por intermédio das conferências feitas, em que o ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas de sua excelência. Era em casa de Rocha Lima que se reuniam os membros da Academia. Rocha Lima era um dos que mais se distinguiam. A sua inteligência plástica e compreensiva assimilava as diferentes teorias de maneira admirável. Sua palavra espirituosa destacava aspectos novos nas questões mais abstrusas” (Ensaios e Estudos, 1ª série, pág. 78). Segundo o historiador José Saraiva Câmara, a Escola-Popular foi um êxito, inaugurada com 41 alunos, chegando a ter, mais tarde, 156 matriculados. Aquele grupo de jovens idealistas abordava nos debates os mais variados assuntos: filosofia, história, geografia, artes, literatura, educação, liberdade religiosa, soberania popular, etc.

Nesse clima de efervescência cultural, Capistrano, com 21 anos de idade, faz uma conferência sobre Literatura Brasileira Contemporânea. Teria sido um grande crítico literário, se tivesse enveredado por esse caminho, pois cultura humanística não lhe faltava, aliada aos conhecimentos de filosofia, sociologia e história; ainda possuía a seu favor uma aguda percepção dos fatos.

“Há dois métodos de crítica em literatura, dizia ele: o método qualitativo e o método quantitativo. O primeiro considera o produto e fixa-lhe o valor, apelando para uma idealidade. O segundo considera o processo, o característico, os antecedentes da realidade. Um julga; outro define. Aquele procura a beleza e a perfeição; este procura o estado psíquico e social” (Estudos, 1ª série, página. 37).

Analisando a obra de Casimiro de Abreu, diz: “O amor é um sentimento doce, meigo, inefável, que dá vida, alegria e felicidade. Mas, se amor aviventa, também mata, se dá felicidade, causa desgraça. Se é fanal que torna claras as trevas do mundo, é muitas vezes recife a cujo embate se parte a barquinha da existência, (Estudos, 1ª série, pág. 7). Mais adiante, na página 15: Casimiro nunca fabricou tormentos, nunca fingiu dores, nem inventou decepções. Se seu verso tem um quê de plangente, é que ali na verdade soluçava; se tem tristeza, é que vem o pranto do seio da alma; se a fronte do poeta se toldava de melancolia, é que refletia dias eivados de desenganos, noites passadas em insônia, cismares ardentes inspirados pela nostalgia, visões evocadas por saudade cantante e voraz” assim por diante. Parece-me patente que este texto basta para chegar-se à conclusão de que Capistrano tinha grandes pendores para a crítica

literária. Se porém, ele tivesse tomado o rumo das letras, o Brasil teria perdido seu grande historiador.

Em 1874, José de Alencar passou pelo Ceará, em visita à terra e aos amigos. Jerônimo Honório, pai do futuro historiador, tendo conhecimento da permanência do romancista e político em Maranguape, aconselhou o filho a fazer-lhe uma visita. Alencar, quando recebeu Capistrano, de início, teve a idéia de que se tratava de um matuto que talvez viesse lhe pedir algum emprego. No entanto, ao desenrolar da palestra percebeu que ali se encontrava um erudito, perdido nos confins de sua província natal. Alencar, estudioso de nossa cultura, aproveitou sua estada no Ceará para fazer uma pesquisa do folclore cearense. Necessitava de uns dados dos poemas populares: O Rabicho da Geralda e O Boi Espaço. Capistrano, que já dominava esses assuntos, deu uma grande colaboração ao autor de Iracema, que ficou encantado com a cultura de Capistrano, o que demonstrou em carta que fez a Joaquim Serra, apresentando o futuro historiador.

“Nas minhas pesquisas, fui auxiliado por um jovem patricio meu, Sr. João Capistrano de Abreu, notável pelo seu talento, entre tantos que pululam na seiva exuberante desta nossa terra, que Deus fez mais rica de inteligência do que de ouro. Esse moço que já é fácil e elegante escritor, aspira ao estágio da imprensa fluminense desta corte. Creio eu que, além de granjear nele um prestante colaborador, teria o jornalismo fluminense a fortuna de franquear a um homem do futuro o caminho da glória, que lhe estão obstruindo acidentes mínimos”. A carta de Alencar abriu-lhe as portas no Rio de Janeiro, pondo-o em contacto com os intelectuais. Aliás, Alencar tinha grande atenção aos jovens estudiosos e sempre procurava lhes dar oportunidade, pois foi através de uma carta sua que Castro Alves manteve contacto com Machado de Assis.

Em 1875, Capistrano deixou sua terra com destino ao Rio, com sua alma ferida pela saudade; palavras suas: “Só então compreendi e senti o passo que dera. Deixava para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituara, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens guardadas em meus olhos, a gente com quem me irmanara na mesma tradição e nos meus sentimentos, tudo o que amara”. Por este texto, nitidamente, verifica-se quanto Capistrano amava a terra em que nascera, mas seu ideal e seu futuro não permitiam que ele ficasse lá, porque lhe era necessário um convívio cultural mais aprimorado, onde pudesse aperfeiçoar cada vez mais suas aptidões intelectuais. Chegou ao Rio de Janeiro, no dia 25 de abril de 1875, às 10:30h da manhã; pela primeira vez punha os pés na corte; veio para ficar.

Como todos que chegam a uma terra estranha, a preocupação primeira consiste na obtenção de um emprego para assegurar a subsistência. A sua primeira colocação, aliás, modesta foi na livraria Garnier cuja função se resumia em anotar os livros da editora, o que facilitou sua aproximação com a cultura

da corte. Como o ordenado era reduzido, no ano seguinte, para melhorar seu salário foi lecionar português e francês no Colégio Aquino, estabelecimento de grande conceito, pois havia grande cuidado na seleção do corpo docente. Em 1875, Carlos Frederico Hartt realizou ali uma conferência para professores e alunos sobre ciências naturais. Se o estabelecimento não possuísse um alto nível de ensino e não se preocupasse com a formação cultural de seus educandos, jamais convocaria um cientista do porte de Hartt para versar um assunto tão árido, se não existisse um ambiente adequado. Permaneceu no Colégio até 1879, quando foi examinado por Ramiz Galvão, Saldanha da Gama e Menezes Brum em concurso para a Biblioteca Nacional, o qual constou das seguintes matérias: iconografia, história, literatura, filosofia, inglês, francês e latim, e ainda paleografia, sendo aprovado em 1º lugar e nomeado no dia 12 de agosto de 1879.

Conhecendo Ramiz Galvão o valor de Capistrano, muito o animou a fazer o concurso, visto que um emprego público dar-lhe-ia estabilidade financeira, o que lhe facilitaria tempo para o trabalho penoso da pesquisa.

Não se enganou Ramiz Galvão, foi Capistrano, de fato, um de seus maiores auxiliares, além disso, era dotado de uma poderosa imaginação e habilidade para escrever, tudo isto aliado à disposição de investigar e de perscrutar os arquivos com uma paciência beneditina, o que sempre caracterizou sua virtude de historiador. A Biblioteca Nacional empolgou-o e lhe encheu a alma de esperança. Não se conteve diante dos manuscritos e dos códices preciosos e esquecidos, e neles lançou-se com uma avidez de trazer à tona novas luzes à verdade histórica.

Em 1879, admite aspirar a uma cadeira no Colégio Pedro II, que seria a consagração de seus estudos históricos, baseados na metodologia científica haurida na leitura de autores alemães. Dominava a língua de Goethe, tanto que traduziu do original alemão a geografia geral, de Sellin em 1889, Divisão e Distribuição das Tribos no Brasil, do Dr. Paulo Ehrenreich, 1892, Os Mamíferos do Brasil, de Emílio Augusto Goeldi, 1893, O Homem e a Terra, de Alfredo Kirchoff, em 1902, Paisagem do Ceará, de Freid Katzer, em 1903, A Geografia de Wappaeus; estes estudos demonstram o quanto ele amava a geografia.

No Rio de Janeiro ele fez duas aquisições culturais: alemão e grego. Foram seus companheiros no curso de alemão, Machado de Assis, Ferreira de Araújo, Orville Derby, Vale Cabral, Silva Araújo, Raul Pompéia etc, tendo como professor, Carlos Jansen. Há quem afirme que devia ter conhecimentos da matéria, porque, enquanto os colegas engatinhavam durante o curso, tropeçando aqui e ali nas declinações, ele já lia com desembaraço o alemão.

Graças a Capistrano, com suas investigações e perseverança, hoje, conhecemos o autor da famosa obra "Cultura e Opulência do Brasil" que se ocultava no pseudônimo de Antonil, obra indispensável a todos aqueles que se preocupavam com a economia brasileira do século XVIII. Quando estudante do Ateneu Cearense, num de seus livros de leitura, O Íris Clássico, de Castilho,

havia um capítulo, extraído da obra de Antonil, cuja leitura lhe causou grande admiração. Um dia, na Biblioteca Nacional, perguntou ele a Vale Cabral se a casa possuía um exemplar da referida obra. Podemos imaginar a emoção que sentiu ao pôr os olhos no livro que, de certa maneira, o influenciara na adolescência através daquele texto didático. Daí em diante começaram suas investigações para identificar o autor da obra. Depois de várias pesquisas percebeu que o autor era jesuíta, o que foi um passo para a conclusão final; foi um dia de glória e de satisfação para ele e os amigos. Na carta que escreveu ao Barão de Studart, comunicando o fato, diz: “Não preciso dizer que foi um dia de delírio. Jantamos juntos, tomamos cerveja juntos, conversamos até meia noite e nos separamos à contre coeur. Que bom tempo aquele, em que a descoberta de um anônimo bastava para coroar de rosas um dia. Vimos logo que Antônio Andreoni era anagrama ou cousa que o valha de André João Antonil. Cabral queria que eu escrevesse um artigo sobre o assunto, mas nunca o fiz. Comuniquei, entretanto, desde logo a descoberta às pessoas a quem poderia interessar, principalmente a um amigo meu que possuía a 1ª edição, raríssima! E que ele está comprometido a me deixar por testamento. Depois tive a felicidade de concorrer para que a Biblioteca Nacional obtivesse um exemplar também. Há aqui no Rio 2 exemplares da 1ª edição”.

Vemos o interesse que tinha ele de adquirir um exemplar da raridade bibliográfica, para enriquecer o patrimônio histórico da nossa biblioteca. Aliás, Capistrano de Abreu era um grande amante do Rio de Janeiro, gostava do sol desta cidade acolhedora e adorava suas praias e os banhos de mar. Para ele, abril era o mês da primazia, porque nele se achava registrada a data de sua chegada à terra carioca; pois aqui fez muitos amigos de verdade e admiradores seus. Em 1887, conheceu Domício da Gama, por intermédio de Raul Pompéia, cujo encontro se efetuou na Cervejaria Petzold, na rua Nova do Ouvidor, onde se reuniam homens como Araripe Junior, Machado de Assis, Raul Pompéia, Lúcio de Mendonça, João Ribeiro, Fausto Barreto, Paula Ney e outros. Não é difícil aquilatar o nível cultural das palestras, numa época em que os homens com seus próprios defeitos pensavam mais nas coisas do espírito. O germe do consumível ainda não havia penetrado a natureza humana.

Em 1916, em plena guerra mundial, ele escrevia a Domício da Gama: “V. encontra a situação muito melhor que um mês antes; não temos de mandar soldados, felizmente. Em diplomacia somos associados, não somos aliados; temos que formar ao lado dos Estados Unidos, entregar nosso voto a Wilson. Não creio na amizade dos Estados Unidos, filho espúrio de Salvador de Mendonça, criado e chocado pelo Barão, pelo Nabuco, por V, talvez por Assis Brasil que já tem a visão menos turva. O que vocês querem é colocar o Brasil relativamente aos Estados Unidos na relação de Portugal para com a Inglaterra. Imagino e desejo ambições menos modestas. O manual do Itamaraty deve ser a Ilusão Americana. Tem um? Deve ter, mas não é livro de um homem”. (Correspondência, vol. 1º, pág. 262). Capistrano, homem de estudos e meditações, preocupava-se com os destinos de seu país, por isso mesmo, colocou-se ao lado

dos intelectuais que se opunham à entrada do Brasil na 1ª guerra mundial, entre eles estava Oliveira Lima. Argumentavam que o Brasil nada lucraria, participando do conflito, ao contrário, tornar-se-ia cada vez mais dependente da pátria de Washington. Talvez, por isso, o escritor americano, Thomas Skidmore, no seu livro "Preto no Branco", pág. 169, tacha esses nossos intelectuais de cínicos, como se eles não tivessem o direito de discutir os rumos de seu país. Cita um texto que teria sido dito por eles: "Não sei se os alemães têm sido bárbaros: os ingleses os tratam de hunos. Penso que em guerra todos são igualmente bárbaros; já a guerra em si mesma é um ato de barbárie". Neste texto nada existe de ofensivo; o certo é que não há guerra santa e muito menos humana, todas elas redundam em interesses políticos e econômicos e, geralmente, em prol do mais poderoso.

O historiador José Honório Rodrigues, atualmente a maior autoridade em Capistrano de Abreu, pois prefaciou e reeditou suas obras, afirma: "Em 1878, Capistrano de Abreu publicava no Jornal do Comércio o necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, um modelo de estudo sobre o mestre e o primeiro trabalho historiográfico, exemplar pelo espírito crítico, a orientação metodológica, domínio filosófico".

Segundo depoimento de seu irmão, Pedro de Abreu, Capistrano sempre se interessou desde criança pelos assuntos ligados à nossa história e ao nosso folclore, pois gostava de aproximar-se dos escravos, conversar com eles, com gestos espontâneos e descontraídos. Muitas vezes nos folguedos infantis, ele ouviu do irmão cantares que supunha ter ele aprendido com os escravos da fazenda:

Mia lamba

Mia lambaquê

Araritaribi quara

Paticorê.

Foi na Biblioteca Nacional entre papéis velhos e códices inéditos que se tornou historiador e se preparou para pleitear a Cátedra do Colégio Pedro II, de História do Brasil. Lá, ele colheu os dados necessários, no silêncio dos arquivos, aprofundando seus conhecimentos de historiografia nacional, sentindo-se capaz de exercer crítica específica, sobretudo, inovar conceitos, até então intocáveis. Um homem como ele, que sempre agiu com ponderação e cautela em matéria de história nacional, quando se dispõe a rever posições e doutrinas, é porque tinha consciência e certeza de seu lastro cultural.

Não gostava de elogios. Em 1923, com a finalidade de comemorar seus 70 anos, um grupo de amigos desejou tributar-lhe uma homenagem de apreço à sua cultura. Ele sabendo do fato com antecedência, distribuiu um cartão impresso com os seguintes dizeres: "Segundo sou informado, trama-se, para meu próximo aniversário, uma patulêia, poliantêia ou coisa pior e mais ridícula, se for possível. Aos meus amigos previno que considero a tramóia como profun-

damente inamistosa. Não poderei manter relações com quem tenta assim desmoralizar-me!” parece que durante o ano de 1926, nada escreveu. No entanto, em 1927, ano de sua morte, aos 74 anos de idade, prefaciou um volume da série Eduardo Prado, o Diário da Navegação, de Pero Lopes de Souza (1530 a 1532) organizado e preparado pelo seu grande amigo, Eugênio de Castro. Foi no O Jornal que no dia 9 de julho, publicou seu último trabalho: A Obra de Anchieta.

Em 1927, para a tristeza dos amigos, desaparece o nosso historiador; seguiu o caminho a que está fadada toda a humanidade. Quando os amigos souberam de seu estado de saúde, afluíram todos para sua residência. Estava viúvo e morava sozinho, em um quarto de pouca luz e sem nenhum conforto, além disso, atravancado de livros, seus únicos companheiros de silêncio e de solidão. Roquette Pinto narra com muita tristeza o sofrimento do mestre: “venho da casa de Capistrano, certo de que meu querido mestre não volverá mais a encontrar os seus discípulos, porque, infelizmente, sua frase vai sumir”. E percebeu a morte e recebeu-a com absoluta tranqüilidade. Uma lucidez perfeita, nunca vacilou um momento. Sucumbiu numa asfixia horrorosa, mas com a paciência de um justo que sempre defendeu a verdade e a autenticidade dos fatos. Assim, às 5 e 25 minutos, num dia de sábado, aos 13 de agosto de 1927, faleceu o nosso historiador cercado de seus amigos. Deixou uma lacuna imensa no campo da lingüística indígena, da história, da geografia e da antropologia. O Brasil naquele dia perdera um ilustre filho que soube sofrer com calma e serenidade o egoísmo dos homens. Apesar de não pertencer à igreja militante, não se opôs à entrada da filha querida no Convento, pois mais do que ninguém conhecia a voz e a força interior da vocação.

Vejam os que disse Calógeras, seu amigo durante quase 40 anos: “Vencera o egoísmo, com seu exemplo de vida modesta e voltada ao serviço do Brasil. Vencera a riqueza, fazendo mais do que ela. Vencera a ignorância, alargando o âmbito do pensamento humano. Vencera a indiferença das massas, impondo-se “maestro dicolor che sanno.” Vencera a própria morte, pois sua memória e o paradigma de sua atividade espiritual inspirariam a discípulos e continuadores o coordenar de esforços, a fim de lhe prorrogar tempos a fora o influxo na formação moral e mental da terra que ele tanto havia amado.

E, nessa atmosfera religiosa de saudade, de admiração, de mágoa e de afeto, partiu para o desconhecido a grande alma, bondosa e pura, abnegada e heróica de Capistrano de Abreu”.

O texto nos mostra a capacidade do autor em analisar a natureza humana. Se Capistrano não se preocupava, em suas obras, com as investigações metafísicas, não significa que não tivesse uma alma mística. Sua conduta moral, seu amor à verdade e à simplicidade das coisas, nos demonstra o quanto ele acreditava na supremacia do espírito. A sua obra, os gestos humanos e de fidelidade aos amigos, a resignação no sofrimento, é uma soma de tudo: “Do temporal e do eterno, do finito e do infinito”. Ascético ou não, o fato é que

aceitou o momento supremo com a maior tranqüilidade, indiferente às coisas materiais, pois sabia que elas se diluem no tempo e no espaço, e que, somente as obras do intelecto permanecem na memória da sociedade dos homens.

Assim nesta atmosfera de paz interior desapareceu o nosso historiador cujo nome ficou para sempre na galeria dos homens mais cultos de seu tempo.

Só resta, agora, ao Brasil reverenciar a sua memória.

2

Em 1879, em artigo publicado na **Gazeta Literária**, Capistrano de Abreu admite, de público, concorrer à Cadeira de História do Colégio Imperial. No ano subsequente, de novo aparece imbuído do mesmo ideal, porém desta vez criticando acrimosamente a História do Brasil do Professor Matoso Maia, seu futuro examinador. “Depois de denunciar-lhe vários erros, incorreções e inexatidões, responde ao seu pedido de uma lista de correções. Diz “não poder satisfazê-lo, entre os motivos, porque muito provavelmente ainda nos havemos de encontrar frente a frente e reservamos para então o prazer um pouco malicioso de dar-lhe um quinal”.

Surgiu a oportunidade com a vaga da Cadeira de Corografia e História do Brasil, em virtude da morte de Joaquim Manoel de Macedo, ocorrida em 1882. Para disputar a vaga concorreram cinco candidatos: João Capistrano de Abreu, pesquisador e funcionário da Biblioteca Nacional, que nunca ocupara um posto de direção; todavia “se destacara na elaboração do Catálogo da Exposição de História do Brasil, a maior bibliografia histórica brasileira e a primeira da América à época, sob orientação de Ramiz Galvão” (José Honório, **Jornal do Brasil**). Segundo candidato. João Franklim da Silveira Távora, seu conterrâneo, que havia publicado, na **Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano**, um trabalho histórico, “Os Patriotas de 1817,” vol. XI nº 60, 3m 1903. Os outros foram: Feliciano Pinheiro Bittencourt, Evaristo Nunes Pires e João Maria da Gama Berquó, que ocupava interinamente a cadeira, inteligente e bom professor, todavia não era dado à pesquisa.

A Banca Examinadora era composta de: Sílvio Romero, juiz, homem estudioso de assuntos vários, mas não de História do Brasil. O examinador Matoso não estava à altura de examinar o candidato, uma vez que era um professor de curso secundário. Além disso, não possuía o hábito da investigação, qualidade imprescindível a qualquer professor, mormente de História. O terceiro homem da banca era Manuel Duarte Moreira de Azevedo, médico, professor de História Antiga e Moderna, porém mais conhecido como cronista e teatrólogo. Todos os candidatos abordavam o mesmo assunto: “Descobrimen-to do Brasil e Seu Desenvolvimento no Século XVI.”

José Veríssimo, crítico literário, culto e severo nos seus julgamentos, leu todas as teses, chegando à conclusão de que todas elas se limitavam a bons resumos da História Geral de Varnhagen, sem nenhuma investigação do pensamento, com exceção de Capistrano de Abreu, que trazia estudos próprios e

originais de análise das pretensões francesas, espanholas e portuguesas relativas ao nosso descobrimento, estudo sério, baseado em documentos que há muito dormiam nos arquivos à espera de quem os consultasse. O candidato vitorioso na conclusão do 1º capítulo diz: “É, portanto, com os documentos de que dispomos, incontestável que o descobrimento do Brasil foi em 1500. E foram os espanhóis que o descobriram, porque Cabral viu terra mais de meado de abril; Pinzon via-a em fevereiro, e Lepe, quando Cabral ainda nem percebera sinais de terra, já dobrara o cabo de S. Agostinho para o sul e tornava para o norte. Esta é a solução cronológica”.

A solução sociológica é diferente; nada devemos aos espanhóis, nada influíram sobre nossa vida primitiva; prendem-se muito menos à nossa história do que os franceses. Sociologicamente falando, os descobridores do Brasil foram os portugueses “(**Descobrimento do Brasil** – pág. 41). E continua”: Neles inicia-se a nossa história; por eles se continua por séculos; a eles se devem principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilizada em território antes povoado e percorrido por broncas tribos nômades. A segunda parte da tese, ele dividiu em quatro capítulos: o litoral, o sertão, o povoamento e população, e por último a evolução.

“A evolução consistiu na moralização do clero, principalmente devido aos jesuítas, no desenvolvimento do culto externo, na criação das confrarias, na importância que o elemento religioso começou a exercer sobre a vida. Ao mesmo tempo a religião sofreu um desvio; para que africanos e brasis pudessem compreendê-la e adotá-la, a parte dogmática foi atrofiada, e as festas, novenas, confissões, jejuns, disciplinamentos e penitências cresceram de modo anormal”. Esta é, sem dúvida, a parte mais importante de sua tese. Podemos imaginar o impacto que ela causou na alma dos examinadores, pela segurança dos conceitos e pelo ardor com que o candidato defendeu seus princípios.

Na manhã de 1883, Capistrano foi o primeiro a apresentar-se aos examinadores, diante de um público ansioso para assistir aos debates. Carl von Koseritz, jornalista alemão que estava presente, descreveu com um arguto senso de observação tudo que viu, naquele dia que para uns tinha aspecto festivo.

“Todos os professores estavam vestidos de casaca. O Colégio tem um curso de sete anos que abrange todas as matérias do curso ginásial alemão. Às 10 horas o Imperador apareceu,... entrou na sala de exames e saudou os presentes de forma cortês, sentou-se no meio da mesa verde dos examinadores. À sua direita sentou-se o Diretor Geral da Instrução, Bandeira Filho, e à sua esquerda o Reitor do Colégio, conselheiro Carmo. Apareceu Capistrano que tomou lugar em uma pequena mesa e teve de defender sua tese. Diz Koseritz que foi um verdadeiro exemplo de dois examinadores ignorantes e intelectualmente limitados, aos quais o examinando superava de longe, e que, por isto, com ele se chocavam e se comprometiam a cada momento.” Via-se claramente como o Imperador se aborrecia com a incapacidade dos examinadores. Sílvio Romero que serviu como juiz, mas que não tinha de examinar, estava fora de si com a vergonha e muito tempo ainda resmungava”. Ao meio-dia e um quarto, o Im-

perador se levantou e deu por terminados os exames, mas não se retirou do estabelecimento, tendo, ao contrário, visitado algumas salas em aula. O interesse que o monarca manifesta pela instrução é bem digno do reconhecimento e a melhor parte dos seus 40 anos de reinado. "(Koseritz. **Imagens do Brasil**, págs. 100 a 101).

Este depoimento, de um europeu culto, feito com sinceridade, mostra como foi brilhante a tese de Capistrano, toda estribada em avançada pesquisa, senão para época, mas para os homens que o examinavam. Foi aprovado por dezessete votos contra 5. Diz José Honório Rodrigues que até hoje são desconhecidos esses cinco pobres diabos. A simpatia estava voltada para Gama Berquó, que tinha muitos amigos, e não havia feito mal concurso. Sílvio Romero, contudo, com seu temperamento polêmico e sua autoridade de Juiz da Banca, fez ver aos catedráticos da época a superioridade de Capistrano no concurso. Finalmente, depois dos debates, na reunião da Congregação de 30 de junho de 1883, foi nomeado por despacho de 21 de julho do mesmo ano. No dia 23 de julho toma posse da Cadeira e no dia 25 dava sua primeira aula no Colégio Imperial, sobre os holandeses. Seguiu o programa de seu antecessor para não tumultuar a aprendizagem dos alunos.

Segundo o historiador Saraiva Câmara, em 1884, Júlio Ribeiro salientava que Capistrano de Abreu era a "maior glória do magistério brasileiro."

A tese foi escrita no espaço de 40 dias, demonstrando, assim, o quanto, cedo, dominava a matéria.

Em carta a Rio Branco, seu velho amigo, a quem muitas vezes recorreu, pedindo cópia de documentos, diz: "remeto-lhe um exemplar, o último ou penúltimo de minha tese. Escrita e impressa no prazo improrrogável de 40 dias, deixei o assunto quase intacto: no último capítulo, fui obrigado a reduzir a proposições, o que no meu plano primitivo deveria dar assunto a outros tantos capítulos. Enfim tenho a esperança que ainda hei de poder completar este e outros trabalhos". **Correspondência**, vol. 1^o pág. 109.

Escrevendo a J. Macedo Soares agradece ao amigo os parabéns que dele recebeu pelo êxito do concurso. "Eu nunca esperei unanimidade, tanto mais quanto na comissão julgadora havia um membro que era meu inimigo." O inimigo era Sílvio Romero, cujas divergências culturais começaram ainda no Pernambuco. Aqui no Rio de Janeiro, em 1876, Capistrano escreveu em **O Globo** dois artigos sobre o "Caráter Nacional" e "Origens do Povo Brasileiro", de críticas ao serjipano ilustre.

Vejamos: "Este artigo abunda em singularidades que não direi, como o autor, merecerem justa punição; mas que em todo caso mereciam de quem os escreveu mais seriedade e estudo. É impossível em tão pouco espaço emitir idéias tão incongruentes, baseadas em argumentos tão fracos, tudo em nome da crítica moderna. A crítica moderna... Se por outros títulos não reconhecesse a ilustração do Sr. Sílvio Romero, diria: pobre crítica! és com efeito tão mo-

derna que teus maiores admiradores ainda não puderam aprender em que consiste”.

Capistrano refere-se aos artigos que Sílvio Romero havia escrito sobre a obra de Couto de Magalhães. Podemos avaliar o impacto que esta crítica ocasionou na alma de seu contendor, uma vez que ele era um homem vaidoso e de espírito irascível.

Na mesma correspondência a Macedo Soares, afirma Capistrano. “Quanto ao meu concorrente, ele tinha certeza que, se não fosse classificado em primeiro lugar, sê-lo-ia em igualdade de circunstância comigo, o que lhe dava preferência”.

“Bom rapaz no fundo, o Berquó, estudioso, ilustrado. O seu grande defeito foi não ter estudos próprios, fiar-se quase sem restrições nos expositores antes de recorrer às fontes originais. A tese dele não estava má: o único defeito foi parecer antes um estudante, zeloso e ilustrado é verdade, mas estudante, antes que um professor”.

Como se verifica, Capistrano reconhecia que seu concorrente tinha qualidades; a falha estava em não ir aos arquivos à procura de segredos históricos. Mais adiante, em outro texto de sua vasta correspondência, diz ainda a Macedo Soares ter empregado grande parte do tempo e do esforço de que dispunha na primeira parte da tese. De maneira que foi obrigado na segunda parte a passar rapidamente pelos assuntos mais importantes. E finaliza sua carta assim: “Há, sobretudo, um capítulo, um último, em que fui obrigado a tratar em linhas do que nem em outras tantas páginas poderia tratar convenientemente. Estou vendo se para o ano poderei sanar tais defeitos e desde já estou tomando notas para “A Sociedade Brasileira no Século XVI”, que espero, em 1884, dar a luz”.

Como se observa, não houve tempo suficiente para Capistrano desenvolver, como desejava, antes do concurso, suas pesquisas. Só posteriormente pôde fazê-las, como confessou a um de seus amigos. O concurso deixou-o cansado, obrigando-o a afastar-se por algum tempo de suas investigações.

Tudo indica que, se entre os examinadores houvesse espírito da pesquisa, a bancada não teria sido dominada pelo candidato. No entanto, de qualquer maneira, o concurso ficou famoso não somente nas tradições do venerando Colégio Imperial, mas em todo o Brasil, projetando o historiador ainda mais na vida intelectual da Corte.

Em 1889, cai a Monarquia e surge a República. Houve uma reviravolta no ensino, como geralmente ocorre nas mudanças de sistemas. O Ministério da Justiça, tendo à frente o Dr. Epitácio Pessoa, entendeu de acabar com a Cadeira de História do Brasil, deixando apenas o estudo de História Geral. Capistrano como sempre, teve um espírito de independência, recusou as condições impostas. Talvez não compreendesse, com muita razão, como um país em plena formação eliminasse do currículo a sua própria história, uma vez que somente através dela poderemos conhecer as nossas raízes e tradições. O certo é que foi posto em disponibilidade com um salário não muito compensador para

um homem que havia se dedicado a vida inteira à cultura nacional. Deve ter ficado muito amargurado, mas na sua correspondência, não me recordo de uma carta que comprove esse estado de espírito. Aliás, ele tinha uma alma acima da mesquinhez dos homens.

Bibliografia consultada

1. Thomas E. Skidmore. *Preto no Branco*. Editora Paz e Terra, 1976.
2. José Aurélio Saraiva Câmara. *Capistrano de Abreu*. Editora José Olímpio, 1965.
3. Capistrano de Abreu. *O Descobrimento do Brasil*. Civilização Brasileira, orientação de José Honório Rodrigues, 1976.
4. *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Organizada e prefaciada pelo historiador José Honório Rodrigues. Civilização Brasileira, em convênio com M.E.C, três volumes, 1977.
5. Capistrano de Abreu. *Ensaio e Estudos*. Séries, 1º, 2º, 3º e 4º Notas de José Honório Rodrigues. Civilização Brasileira - M.E.C, 1975.
6. Karl Von Koseritz. *Imagens do Brasil*. Editora da Universidade de São Paulo, em convênio com a Editora Martins, 1972.
7. Hélio Vianna. *História do Brasil* (três volumes). Melhoramentos, 1974.
8. Pandiá Calógeras. *Estudos Históricos e Políticos*. São Paulo, 1936.
9. Alceu Amoroso Lima. *Quadro Sintético da Literatura Brasileira*. Rio, 1959.
10. José Honório Rodrigues. *Teoria da História do Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.
11. Hélio Vianna. *Capistrano de Abreu*. M.E.C, S/D.
12. José Honório Rodrigues. *Jornal do Brasil*, de 21/2/76.